

Cadernos Biobibliográficos e Cartográficos: viajantes e naturalistas da Amazônia

N. 1

2017

P. Le Cointe, 1922



— Lamelles ou « arcabas » (sapupemas) de la base du tronc d'un « sumaûma »
(ceiba pentendra Gaertn. Bombacées) dans une cacaoyère.

Amazônia: expedições científicas francesas.
Alfredo Wagner Berno de Almeida

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Pizarro - Professora do Doutorado em Estudos Americanos
Instituto de Estudios Avanzados - Universidad de Santiago de Chile

Claudia Patricia Puerta Silva - Professora Associada - Departamento de Antropologia - Facultad de Ciencias Sociales y Humanas - Universidad de Antioquia

Zulay Poggi - Professora do Centro de Estudios del Desarrollo - CENDES - Universidad Central de Venezuela

Maria Backhouse - Professora de Sociologia - Institut für Soziologie - Friedrich-Schiller-Universität Jena

Germán Palacios - Professor Titular - Universidad Nacional de Colombia, Sede Amazonia - Honorary fellow, University of Wisconsin-Madison

Roberto Malighetti - Professor de Antropologia Cultural - Departamento de Ciências Humanas e Educação “R. Massa” - Università degli Studi di Milano-Bicocca

CONSELHO EDITORIAL

Otávio Velho - PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

Dina Picotti - Universidade Nacional de General Sarmiento, Argentina

Henri Acselrad - IPPUR - UFRJ, Brasil

Charle Hale - University of Texas at Austin, Estados Unidos

João Pacheco de Oliveira - PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

Rosa Elizabeth Acevedo Marin - NAE/UFPA, Brasil

José Sergio Leite Lopes - PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

Aurélio Viana Jr. - Fundação Ford, Brasil

Sérgio Costa Jr. - LAI FU - Berlim, Alemanha

Heloisa Bertol Domingues - MAST, Brasil

Luiz Antonio de Castro Santos - UERJ, Brasil

Alfredo Wagner Berno de Almeida - UEA, Brasil

MCTI/CNPq/SECIS Nº 85/2013 PROJETO 458207/2013-6:

Centro de Ciências e Saberes: Experiências de Criação de Museus Vivos na Afirmação de Saberes e Fazeres Representativos dos Povos e Comunidades Tradicionais.

Coordenação do Projeto: Alfredo Wagner Berno de Almeida, Heloisa Maria Bertol Domingues.

Coordenação da Coleção: Alfredo Wagner Berno de Almeida.

Capa: Philipe Teixeira

Ficha catalográfica

C122 Cadernos biobibliográficos e cartográficos: viajantes e naturalistas da Amazônia. – N. 1 / Coordenação da pesquisa: Alfredo Wagner Berno de Almeida. – Manaus : UEA Edições/ PNCSA, 2017- .
v. : il. ; 30 cm.

Irregular.

Coordenação geral do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (CESTU/UEA/PPGCSPA) e Rosa Elizabeth Acevedo Marin (NAEA/UFPA/PPGCSPA).

ISSN 2594-9993

1. Amazônia. 2. Cientistas 3. Expedições. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo.

CDU 910:011(811)

Edição Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA)

UEA/PNCSA - Edifício Professor Samuel Benchimol

Rua Leonardo Malcher, 1728

Centro - Manaus, AM

Cep.:69,010-170

www.novacartografiasocial.com

Fone: (92) 3232-8423

AMAZÔNIA:

EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS FRANCESAS (do século XVIII ao XX)

Alfredo Wagner Berno de Almeida

REPERTÓRIO DE FONTES DOCUMENTAIS AOS CENTROS DE CIENCIAS E SABERES

Biblioteca Digital Expedições ao Trombetas: naturalistas, viajantes e administradores coloniais (religiosos e militares)

Organizado por Alfredo Wagner Berno de Almeida

Projeto: Centro de Ciências e Saberes: experiências de criação de Museus Vivos na afirmação de saberes e fazeres representativos dos povos e comunidades tradicionais.

Chamada MCTI/CNPq/SECIS n.85/2013. “Apoio à criação e ao desenvolvimento de Centros e Museus de Ciência e Tecnologia”.

UEA/MAST/CNPq

Coordenação: Alfredo Wagner Berno de Almeida

Heloisa M. Bertol Domingues

2014/2017

1 – AS REPRESENTAÇÕES DOS NATURALISTAS: EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS DA FRANÇA NA AMAZÔNIA (1735-1938)

Desde os séculos XVII e XVIII a Amazônia foi objeto de pesquisas científicas realizadas por naturalistas franceses (botânicos, biólogos, geógrafos, astrônomos, geólogos e antropólogos). As expedições percorreram os principais rios da Amazônia (Solimões/Amazonas, Negro, Tapajós, Xingu, Purus, Tocantins, Madeira, Trombetas, Erepecuru, Mapuera, Cuminá) e elas produziram muitas impressões de base empírica e muitos conhecimentos sobre a natureza e sobre os povos que tradicionalmente ocupam as regiões próximas aos rios, igarapés, lagos e no interior da floresta. Suas interpretações foram produzidas paralelamente à dos administradores coloniais e àquela dos missionários, incluindo-se os religiosos Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux, em 1612-1615. Algumas impressões produzidas desde então permanecem como verdades até o presente.

São exatos 282 anos de 1735 a 2017, ou seja, mais de dois séculos e meio de expedições científicas francesas com pesquisas sistemáticas e aplicação de técnicas de observação direta. Para efeito de exposição mencionarei de maneira breve as principais dentre estas expedições.

LA CONDAMINE

Em 16 de maio de 1735, La Rochelle partiu como representante da Académie de Sciences de Paris, na expedição científica chefiada por CHARLES MARIE LA CONDAMINE, Louis Godin e Pierre Bouguer para obter no Equador medidas da terra ou medidas de graus do meridiano.

GODIN participou desta expedição juntamente com ODONAIS que fez a viagem de Quito à Cayenne pelos rios.

Para registrar os fatos desta missão La Condamine escreveu o livro intitulado: **Relation abrégée d'un Voyage dans l'intérieur de l'Amérique méridionale, depuis la côte de la mer du Sud jusqu'aux côtes du Brésil et de la Guiane en descendant la rivière des Amazones** – lu à l'assemblée publique de l'Academie des Sciences, le 28 avril 1745 (Paris, chez la veuve Pissot, 1745).

- La Condamine apresentou uma ***Carte du Maragnon*** e da bacia do Rio Amazonas elaborada por ele mesmo.

RELATION
ABRÉGÉE
D'UN VOYAGE
FAIT DANS L'INTERIEUR
DE L'AMÉRIQUE
MÉRIDIONALE.

Depuis la Côte de la Mer du Sud, jusqu'aux Côtes
du Brésil & de la Guiane,

en descendant LA RIVIERE DES AMAZONES;

Lue à l'Assemblée publique de l'Académie des Sciences,
le 28. Avril 1745.

*Par M. DE LA CONDAMINE, de la
même Académie.*

Avec une Carte du MARAGNON, ou de la Riviere des AMAZONES,
levée par le même.

*Floriferis, ut aper, in salubris omnia libant;
Omnia nos Lucret.*

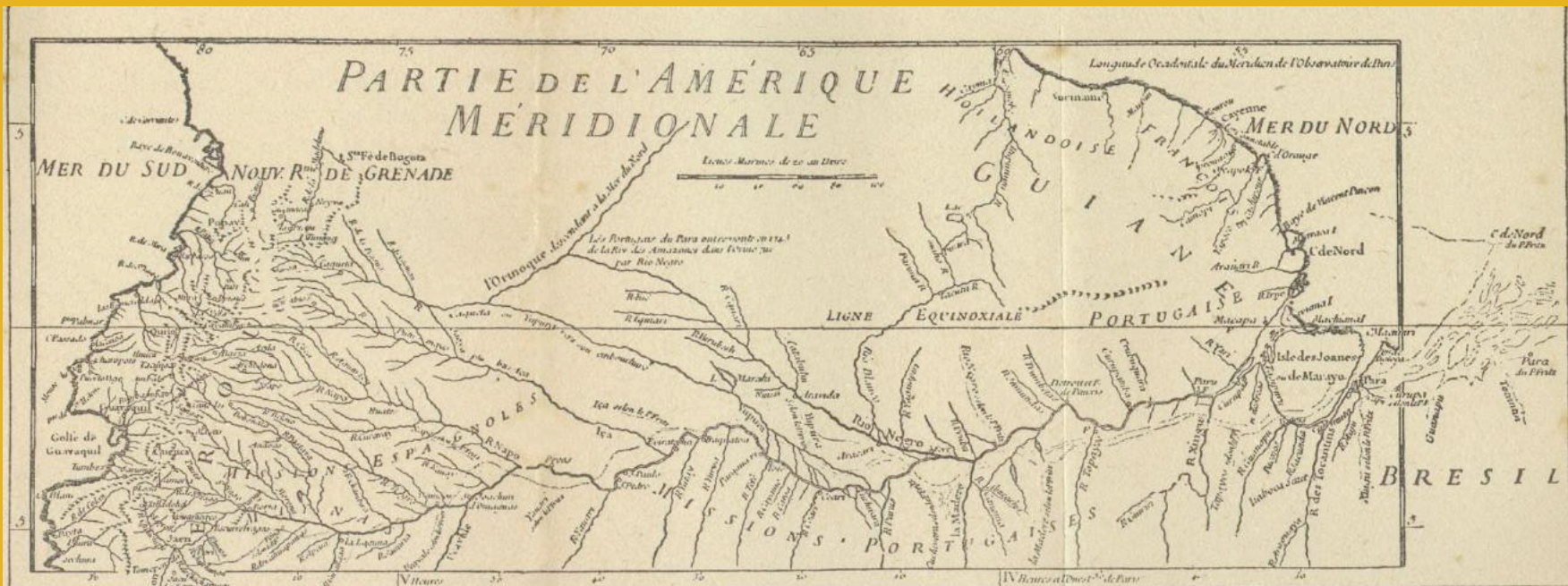


A PARIS,

Chez la Veuve P I S S O T, Quay de Conti, à la Croix
d'Or.

M. D C C. X L V.

Avec Approbation & Privilège du Roi.



O curso do Rio segundo o mapa do P. Samuel Fritz jesuíta está aqui traçado por pontos a partir igualmente do meridiano de Jaén de Bracamoros, como o ponto mais importante donde se começa a descrever o Rio.

FOTO :LA CONDAMINE 2

FRANCIS CASTELNAU, de nacionalidade inglesa, estudou história natural em Paris e viajou pelo sertão dos Xavantes, navegou pelos rios Tocantins e Araguaia e daí até o Rio Grande e depois a Cuiabá e Diamantino no Mato Grosso, percorrendo a fronteira com Bolívia e o Paraguai. Seu livro tem o seguinte título:

Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima et de Lima au Para; exécuté par ordre du gouvernement français pendant les années 1843 à 1847. Paris, Bertrand, 1850-1859. Sob o título **Expedição às Regiões Centrais da América do Sul** foi publicado em português somente em 1949, quase um século depois, em dois volumes, traduzido por Olivério M. de Oliveira Pinto, e compõe a coleção Brasileira, volume 266-A.



Figura 02 – Vista de Tabatinga, posto militar brasileiro na fronteira colombiana. Castelnau, Expedition. Part 2: Vues et scènes. Paris, 1852, prancha n. 60. Reprodução cortesia Museu de Zoologia da USP.

ORBIGNY, ALCIDE DESSALINES d'

Seus relatos tanto se referem à Amazônia, quanto a regiões do sul da América do Sul. No presente levantamento importam os relatos, que compõem o texto denominado : **Fragments d'un voyage au centre de l'Amérique Méridionale, contenant des considérations sur la navigation de l'Amazone et de la Plata, et sur les anciennes missions des provinces de Chiquitos et de Moxos (Bolivie)**. Paris. Bertrand, 1845.

O texto acima mencionado foi extraído do livro de viagens de Orbigny, “publié sous les auspices du Gouvernement”, que tem o seguinte título: **Voyage dans l'Amérique Méridionale (le Brésil, la République Orientale de l'Uruguay, la République Argentine, la Patagonie, la République du Chili, la République de Bolivie, la République du Pérou)**, executé pendant les années 1826, 1827, 1828, 1829, 1830, 1831, 1832 et 1833. Paris, Pitois-Levrault et Cie; Strasbourg, Ve. Levrault, 1835-1847.

M. FERDINAND DENIS

O livro intitulado **Brésil**, de autoria de M.F. Denis, foi publicado em Paris, em 1866 por Firmin Didot Frères, Editeurs (Imprimeurs de l'Institut de France).

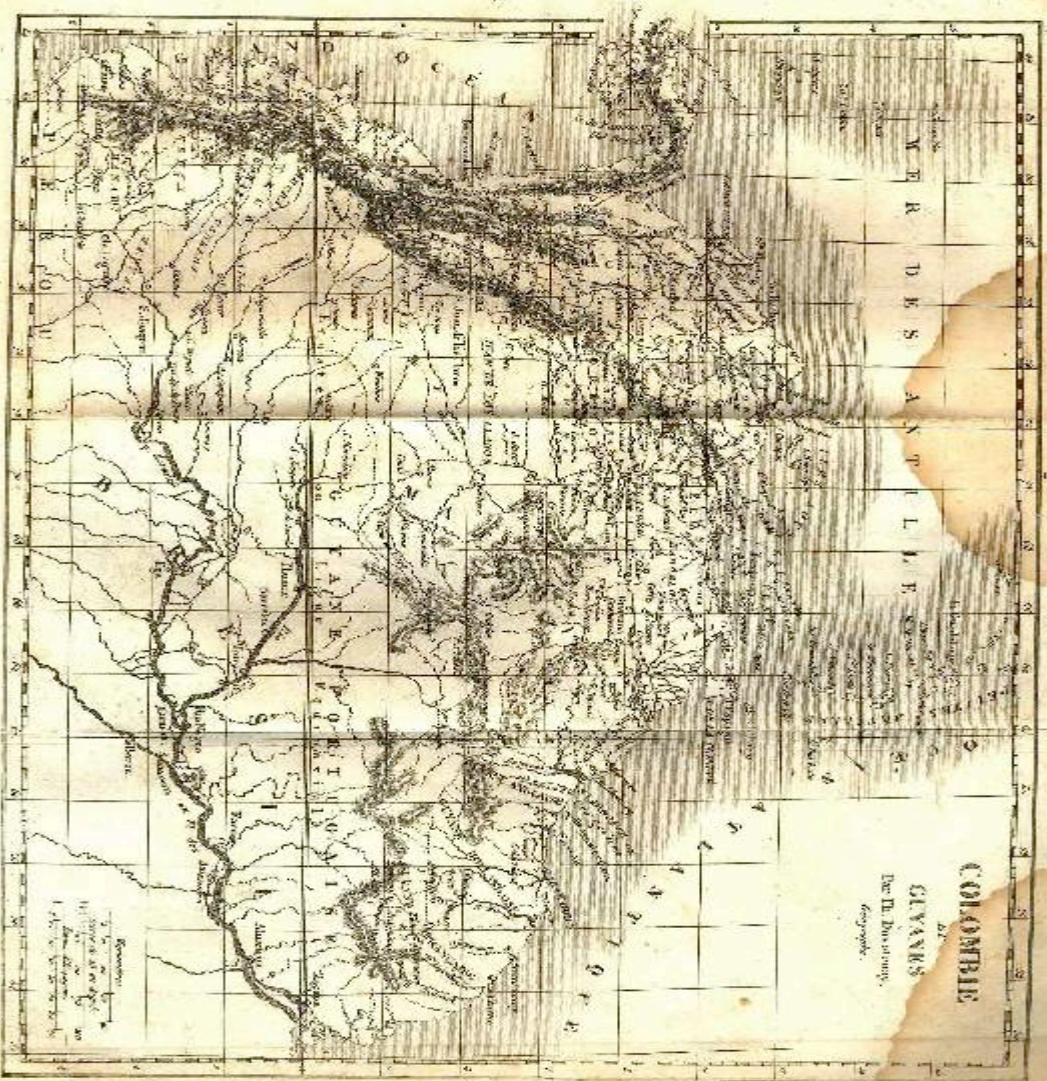
Há notas sobre a formação histórica do Brasil, bem como sobre o extrativismo (incluindo carnaúba, copaíba...), sobre “capitães do mato”, sobre as Amazonas e também sobre os senhores de engenho da Bahia e de Pernambuco.

Os dois mapas a seguir apresentados, que estão dispostos em anexo no citado livro foram elaborados pelo geógrafo Th. Duvotenay. O segundo mapa refere-se ao texto “Colombie et Guyanes” de autoria de M.C. Famin, que consta da mesma publicação do livro de Denis, a partir da página 385.



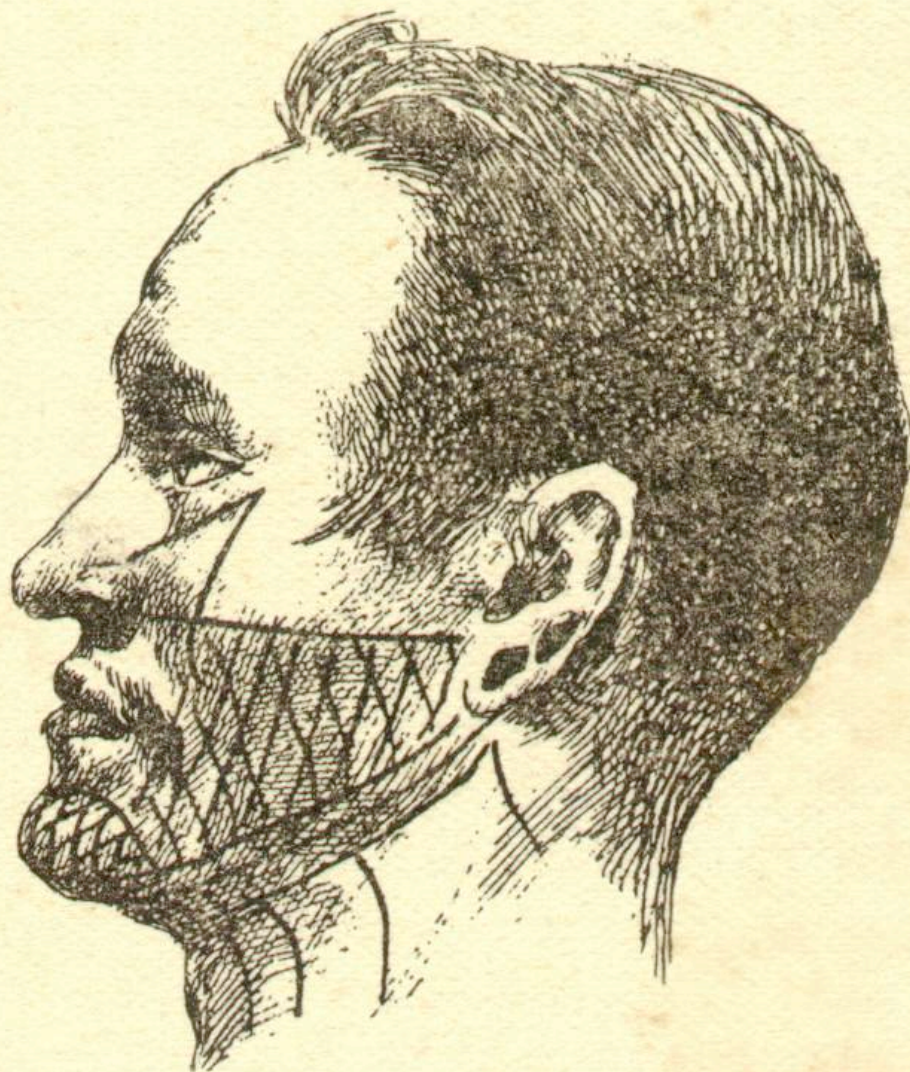
L'origine du Méridien de Paris

COLOMBIE
DE
GLYNNES
DE L. DODDINGTON.
Geographe.



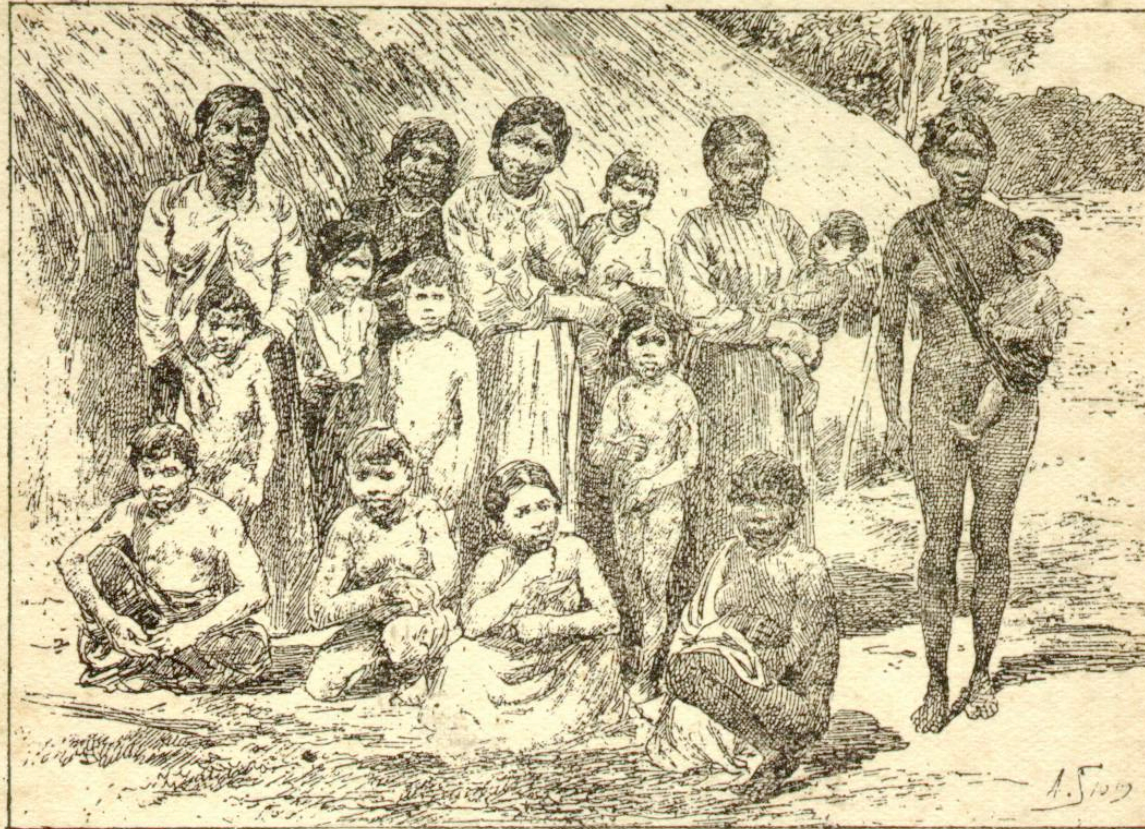
HENRI COUDREAU a étudié le bassin de la fleuve Tapajós, entre 28 juillet 1895 et 07 janvier 1896, et il a écrit le livre: **Voyage au Tapajoz**, A .Lahure, Éditeur-Paris, 1897.

Escreveu também **Voyage au Xingú** com base em trabalho de campo realizado de 30 de maio a 26 de outubro de 1896. A partir daí realizou várias viagens pelo rio Yamundá, de 21 de janeiro a 27 de junho de 1899, (cf. **Voyage au Yamunda**. Paris. A. Lahure. 1899); pelo Rio Trombetas, de 07 de agosto a 25 de novembro de 1899 (cf. **Voyage au Trombetas /d'après des Notes de Carnet d'Henri Coudreau**). Com sua morte em campo, no Lago da Tapagem, no Rio Trombetas, sua esposa Otavie Coudreau valeu-se de seu caderno de anotações para organizar a publicação. O. Coudreau viajou pelo rio Cuminá, de abril a julho de 1900, e pelo rio Mapuera, de 21 de abril a 24 dezembro de 1901, produzindo livros com os respectivos títulos.



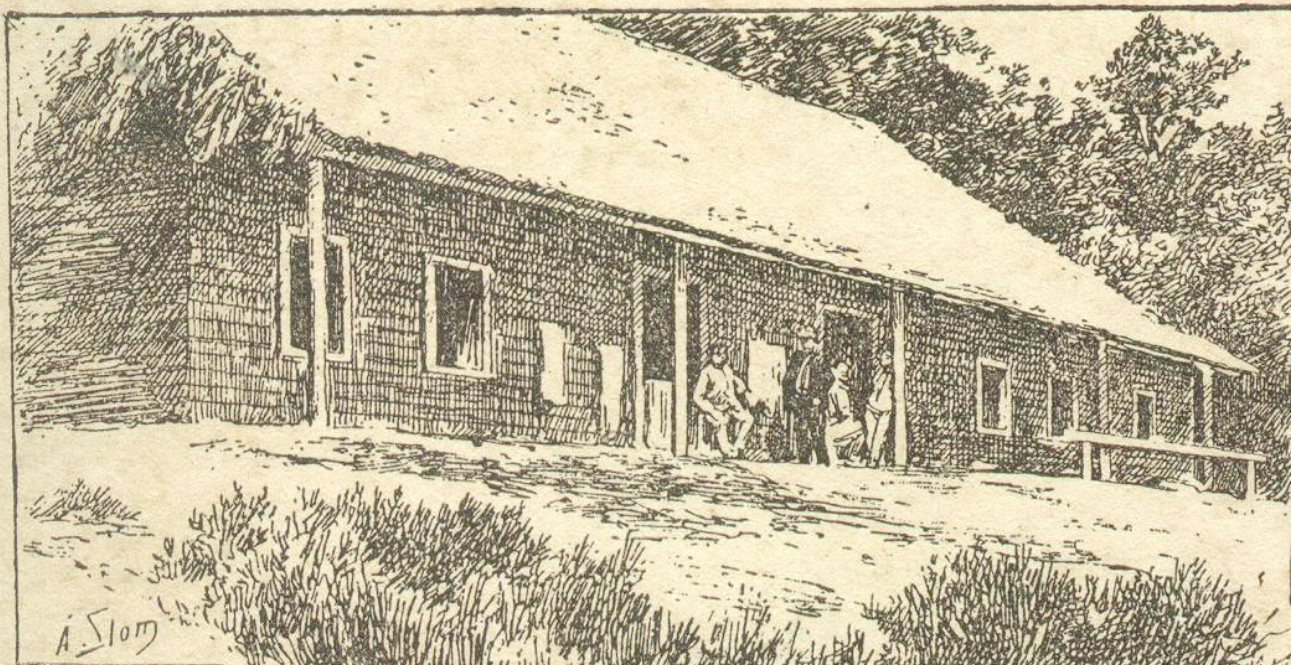
Capitão mundurucú Gabriel,
com suas tatuagens.

Henri Coudreau



Femmes Apicacs.

Henri Coudreau, 1895



Casa de Raymundo Brasil, em Fechos.

HENRI COUDREAU

VOYAGE AU TAPAJÓZ

28 Juillet 1895 — 7 Janvier 1896

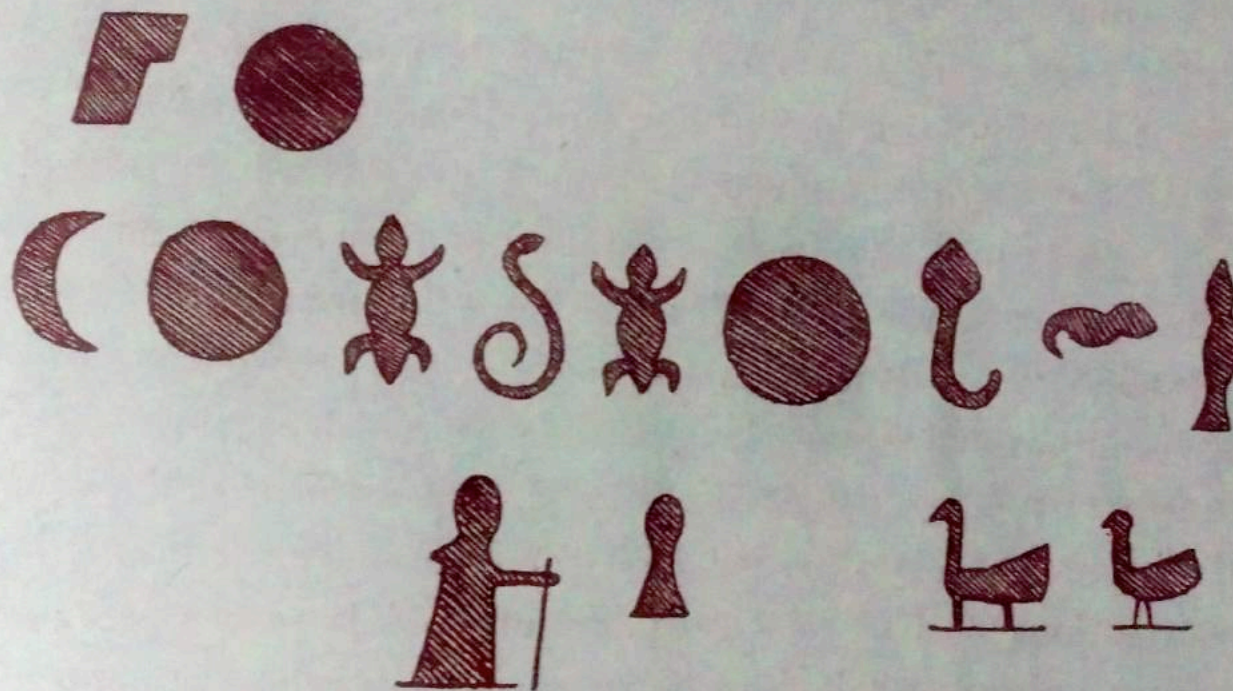
OUVRAGE ILLUSTRÉ DE 57 VIGNETTES
ET D'UNE CARTE DU FLEUVE « LE TAPAJÓZ »

PARIS
A. LAHURE, IMPRIMEUR-ÉDITEUR
9, RUE DE FLEURUS, 9

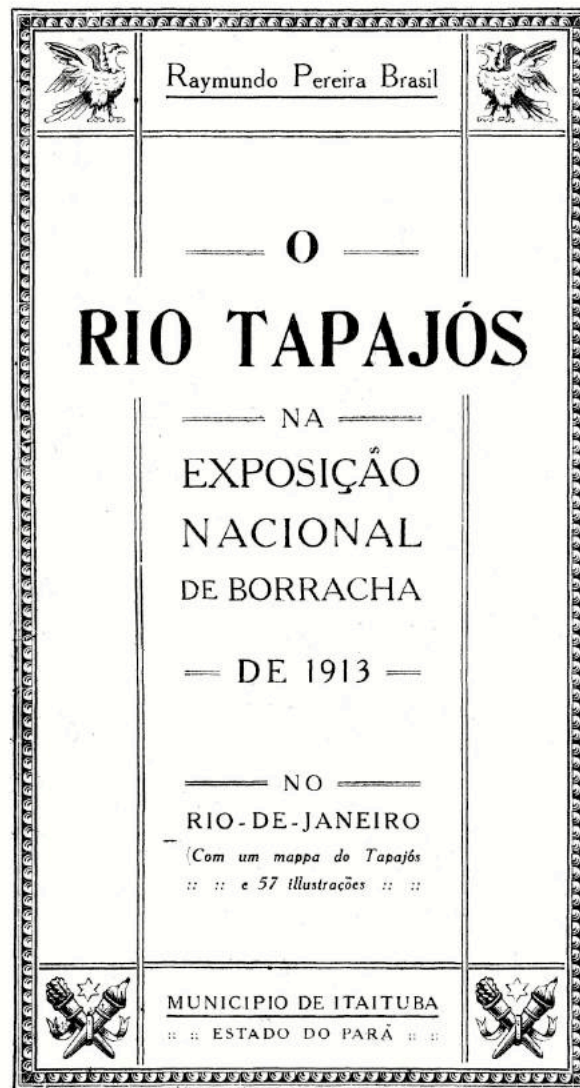
1897

TAPAJÓS
ALTO TAPAJÓS ET SÃO MANOEL

ALTO TAPAJÓS ET SÃO MANOEL
do Estado de São Paulo, no Território do Funchal, das Fozes do Rio



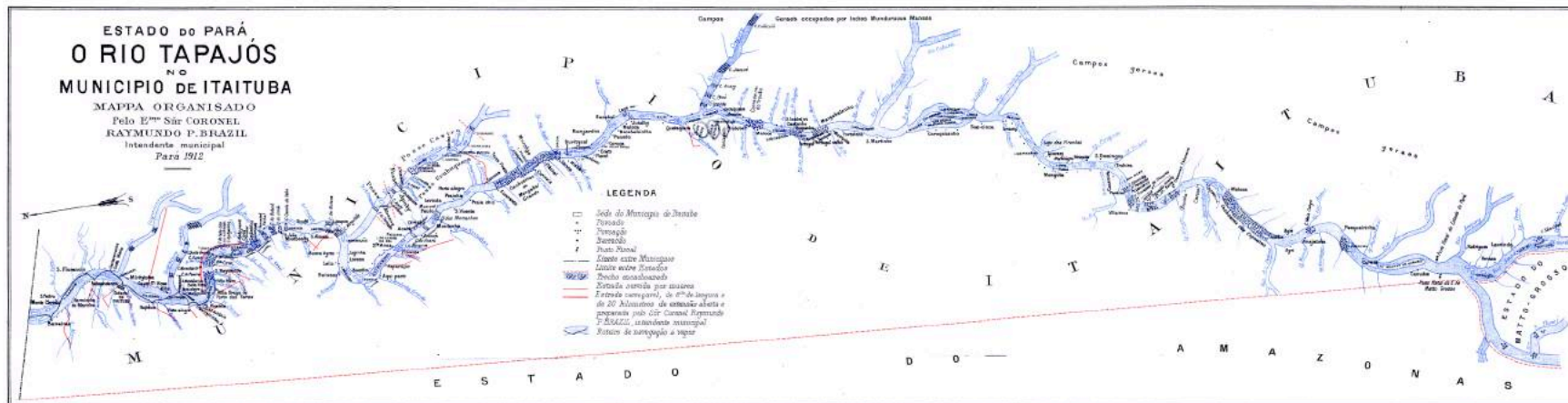
Figures dessinées sur les rochers de Cantagallo.



Impresso
em Paris

ESTADO DO PARÁ,
O RIO TAPAJÓS
NO
MUNICÍPIO DE ITAITUBA

MAPPA ORGANISADO
Pelo E.^{ma} Sr CORONEL
RAYMUNDO P. BRAZIL
Intendente municipal
Pará 1912





RIO TAPAJÓS
Igarapé do Pimental; Propriedade de R. P. Brasil.
1913



RIO TAPAJÓS

Pessoal de R. P. Brasil, almoçando em viagem nas cachoeiras.

1913

HENRI COUDREAU

VOYAGE
AU XINGÚ

30 mai 1896 — 26 octobre 1896

OUVRAGE ILLUSTRÉ DE 68 VIGNETTES
ET D'UNE CARTE DE LA RIVIÈRE « LE XINGÚ »

PARIS
A. LAHURE, IMPRIMEUR-ÉDITEUR
9, RUE DE FLEURUS, 9

1897

— 24 —

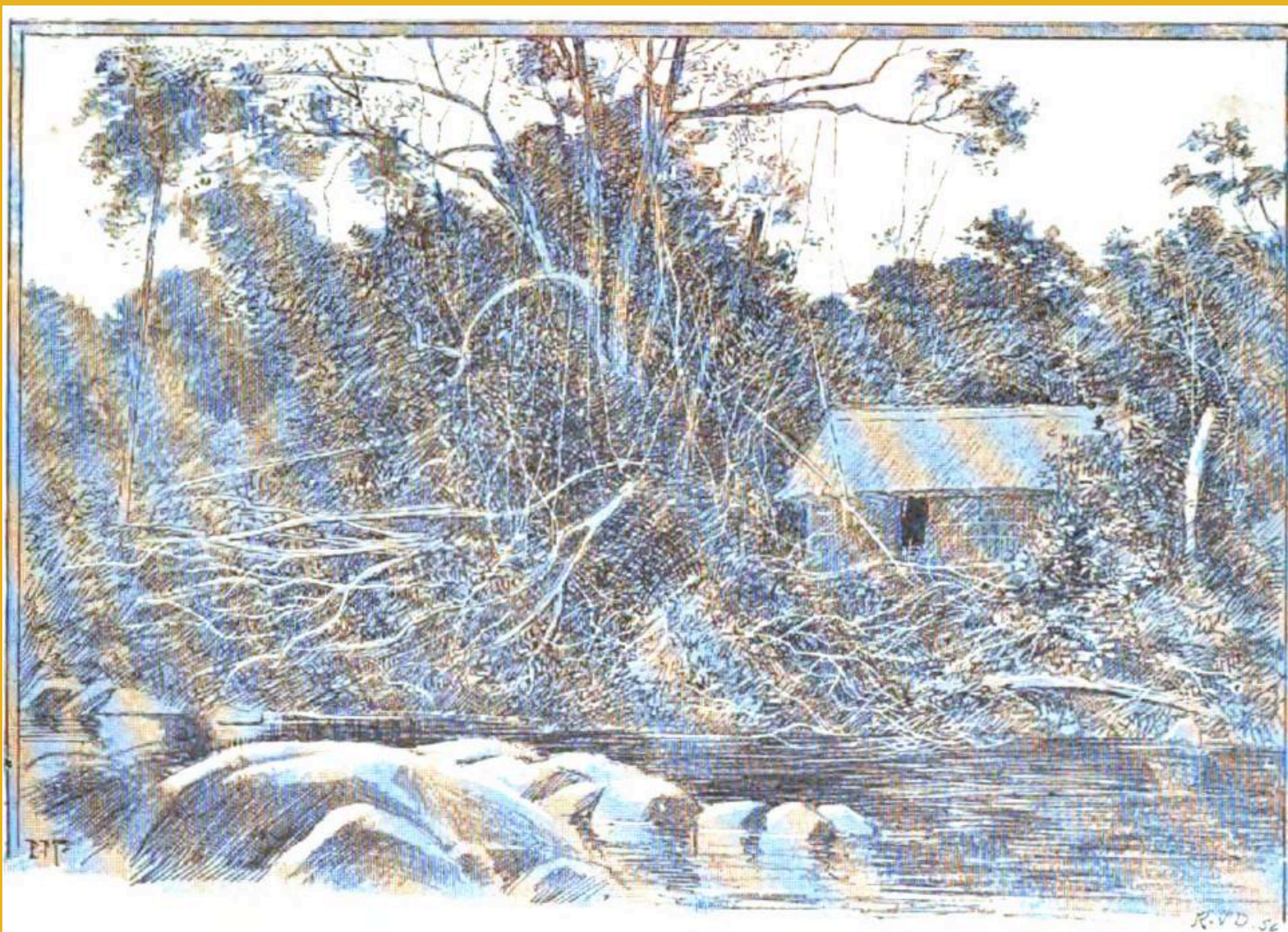
« Mucambos » que l'on trouverait, paraît-il, en assez grand nombre dans le cours moyen et le cours supérieur de cette rivière. Sur les bords mêmes du Curuá les *Araras bravos* seraient en amont des Mucambos, mais par les forêts des deux rives ils s'étendraient jusque non loin de l'Amazone. Il y eut, voici quelques années, une guerre entre les *Araras* et les Nègres des Mucam-



Macabayó : femme Arara.

bos, mais aujourd'hui, d'après les renseignements vagues qu'on en a, il paraît qu'ils se seraient mutuellement pénétrés et mêlés, Nègres fugitifs et Indiens, formant aujourd'hui une peuplade absolument hostile à tout ce qui est civilisé ou indien manso.

Les CARAJÁS des habitants du Xingü ne sont autres, — d'après toutes les informations que j'ai pu recueillir, — que les BOROCUENOS-SUYAS dont Steinen, venant de Matto Grosso, traversa les villages avant d'arriver à la Cachoeira da Pedra Secca. Ces CARAJÁS, médiocres canotiers, iraient surtout par les forêts



Maison de Bibio, le dernier civilisé du Xingú Paraense.



Chez Gomes Irmãos : le personnel.

dans un sifflement de la gorge, d'une voix qui halète, épuisée : « Allons à la Pedra Secca !... je me soignerai à Pará... » — Pará, c'est loin !...

20. — Le matin nous avons, heureusement, une fraîcheur de bon aloi, une bonne fraîcheur sans humidité. C'est le climat d'en amont du Rio Fresco. Et, chose curieuse, cette terre semi-tempérée est plus riche en caouchouc que le Xingú équatorial. Du milieu de la rivière, de la rive, sur les pentes des col-



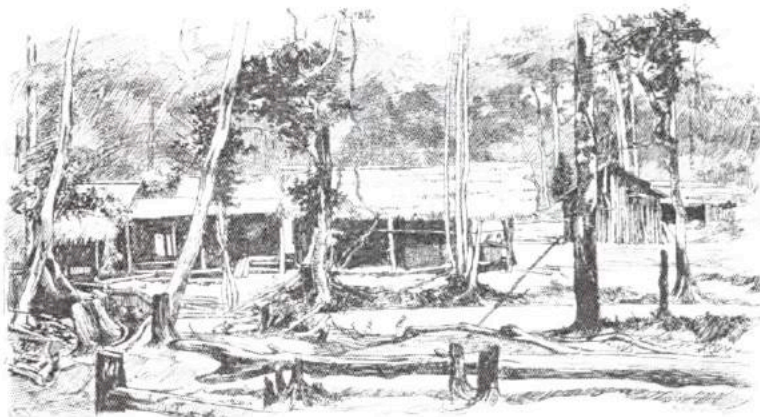
Maloca abandonnée (Alto Xingú).

lines et des montagnes qui bordent le Rio Fresco, c'est par centaines que, dans un court estirão, on peut compter les arbres à borracha.

Et parmi ces collines où abonde le caoutchouc, des petites campinas comme, par exemple, sur les plateaux des Morros do Fréchal.

Un peu en amont de ceux-ci le *Morro do Chinanahá*, rive gauche, m'évoque, par sa forme, un souvenir que je croyais mort depuis longtemps, celui de la Serra de Touaroude dans le Haut Rio Branco, — où je me promenai jadis, à une époque très lointaine... (c'était, je crois, en 1884....) Singulière identité du moi humain qui, sous tous les vents d'heur ou de malheur, comme sous

dizaine de kilomètres de longueur, qui se termine au confluent du Tucuruhy et de l'Igarapé da Ponte Cavada. C'est près de ce confluent que se trouvait le sitio de Tucuruhy Velho, point de départ primitif de l'Estrada Tucuruhy-Ambé, un peu en amont de la CACHOEIRA DO TUCURUHY VELHO, laquelle, toujours difficile et, l'hiver, spécialement périlleuse, a fait abandonner le premier point



Villagem da Cachoeira (Tucuruhy).

de départ de l'estrada pour le faire reporter un peu en aval, au point qui est devenu le village actuel de Cachoeira, quelque peu au-dessous de la première CACHOEIRA DE TUCURUHY.

Presque de suite après avoir traversé l'Igarapé da Ponte Cavada, on commence à longer de près la rive droite du Tucuruhy qui reste à gauche. La roça de Antonio de Hollanda, le bananal de José Alves restent entre l'Estrada et la rivière, on traverse l'Igarapé da Ponte qui a environ 15 mètres de largeur avec 1 mètre d'eau encore maintenant, puis un autre igarapé plus petit; on

HENRI COUDREAU

VOYAGE
AU
YAMUNDA

21 Janvier 1899 — 27 Juin 1899

OUVRAGE ILLUSTRÉ DE 87 VIGNETTES
ET DE 17 CARTES

PARIS
A. LAHURE, IMPRIMEUR-ÉDITEUR
9, RUE DE FLEURUS, 9

1899



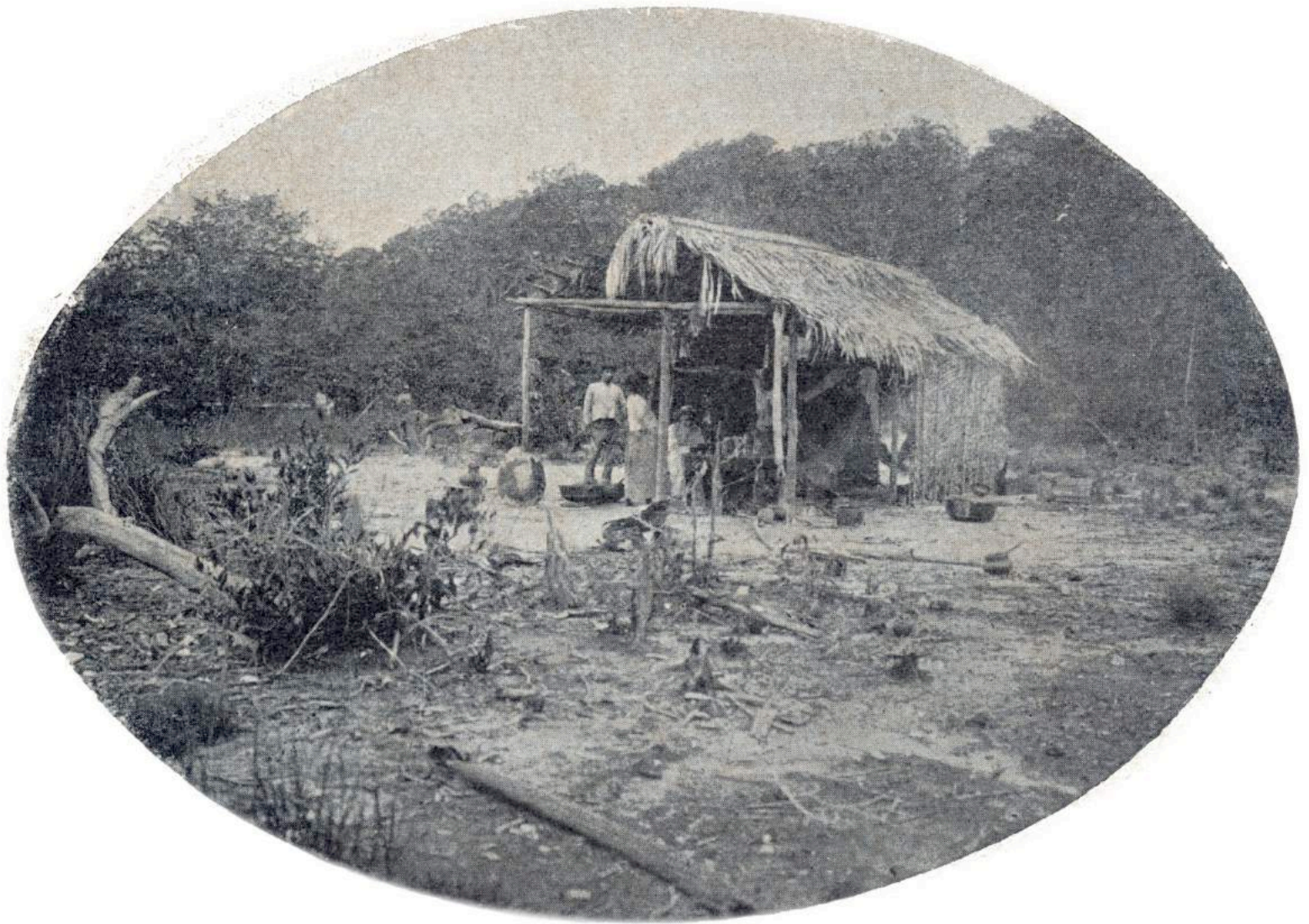
Notre campement à la Cachoeira Grande.



Cachoeira Grande.



Joaquim Rodrigues chez lui.



Barraca de Joaquim Rodrigues.



École des filles à Terra Santa.



Construction d'une lancha à Terra Santa.



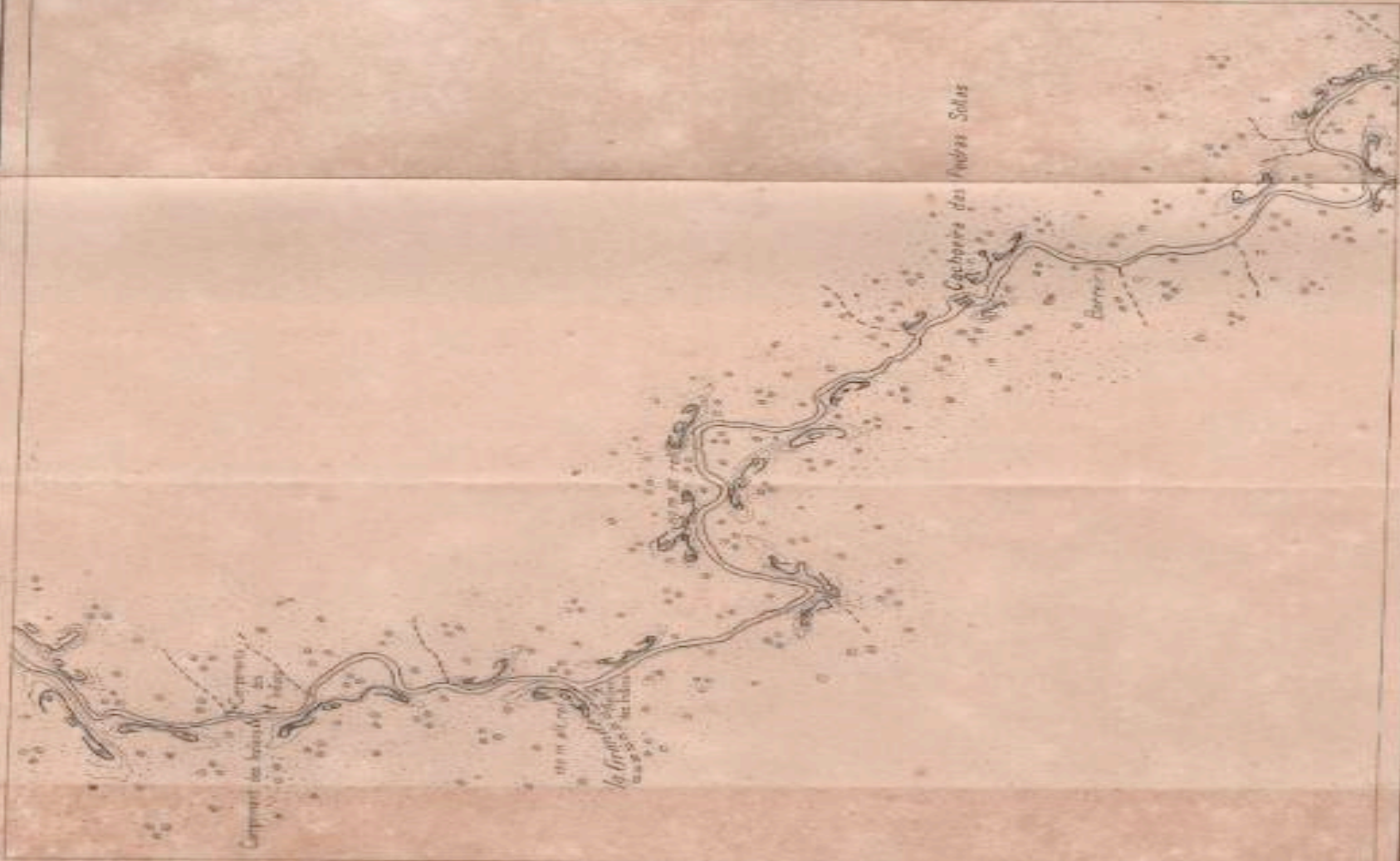
L'église, à Terra Santa.



Une rue à Terra Santa.



Trapiche de Faro.



21157

O. COUDREAU

SECONDE DE LA MISSION COUDREAU

VOYAGE

AU

TROMBETAS

7 Août 1899 — 25 Novembre 1899

OUVRAGE ILLUSTRÉ DE 68 VIGNETTES

ET DE 4 CARTES

PARIS.

A. LAHURE, IMPRIMEUR-ÉDITEUR

9, RUE DE FLEURUS, 9

1900

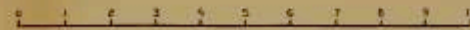
RIO CACHORRO

PAR HENRI COUDREAU

Carte établie par O. COUDREAU

1899

ECHELLE $\frac{1}{100\,000}$

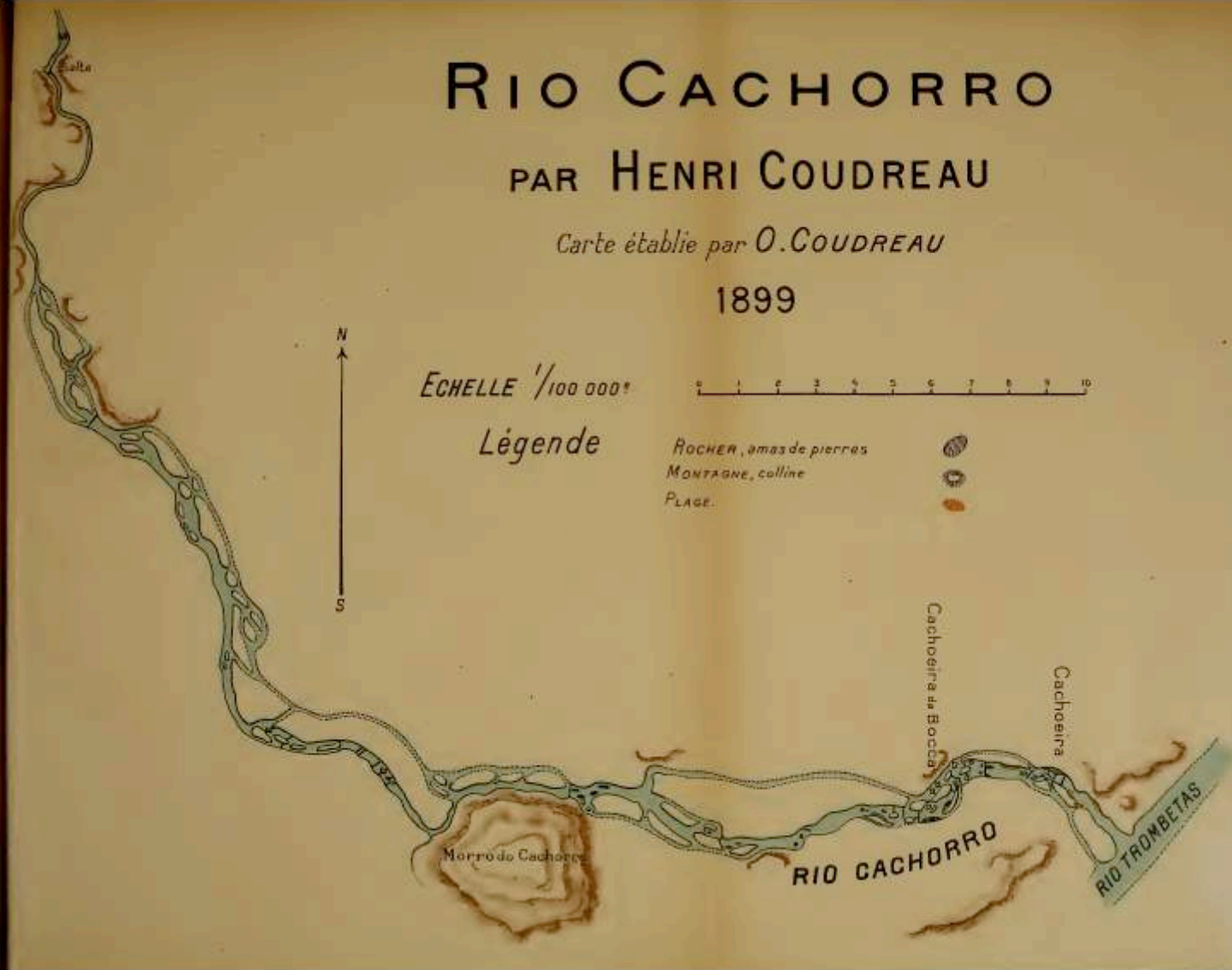


Légende

ROCHER, amas de pierres

MONTAGNE, colline

PLAGE.



Nous passons les rapides de *Tira-camisa* à la perche et nous allons avec des alternatives de fonds « ras » et de « poches » profondes.

Nous voilà obligés de chercher notre chemin parmi les pierres de la rivière rétrécie. Le Trombetas ici a seulement 250 mètres environ et les fonds ne sont pas considérables, nous allons à la perche.



Retour de chasse.

Rive droite, quelques collines assez fortes avec une montagne derrière et de très petites plages qui commencent à se montrer sur les deux rives. Nous entendons une cachoeira en amont; c'est la cachoeira da Resaca.

LA CACHOEIRA DA RESACA se compose de cinq grands trayessãos et de deux rebujos.

Le premier travessão, très fort, est passé à la corde dans un petit canal accosté à la rive droite.

Le deuxième est moins fort mais plus sec. Le troisième est moyen.

Le quatrième, de suite en amont d'une grande baie (resaca) d'où la cachoeira tire son nom, est très fort. De plus, ce travessão possède en aval un rebujo



Cachoeira do Inferno.

et un autre en amont. Il s'agit de passer au bon moment afin d'éviter que le rebujo d'aval rejette le canot dans le rebujo d'amont et vice versa. Ces deux tourbillons sont très mal placés, l'un rive droite, l'autre rive gauche, ce qui les rend très dangereux.

Nous sommes obligés de décharger les canots. Les hommes passent la charge

LES MUCAMBEIROS.

Les Mucambeiros¹ du Trombetas étaient tous esclaves sur les bords de l'Amazone entre Obidas et Prahinha. Il reste seulement cinq Mucambeiros de



Cachoeira das Ilhas, rive droite.

la fuite : Pedro Carrère, Ambrosio, Adão, Esydio et Ramos. Il n'y a entre eux aucun accord ni aucune entente.

Quand on a vu l'organisation chez les Bonis et les Youcas on ne peut avoir que le plus parfait mépris pour la misérable canaille qui compose cette population mucambeira. Eux et leurs patrons ne savent guère que raconter sur le Trombetas d'obscurs mensonges cachant sans doute quelques vilaines et inavouables histoires.

1. Mucambeiros, nègres marrons du Brésil.

O. COÛDREAU

VOYAGE AU CUMINÁ

20 Avril 1900 — 7 Septembre 1900

OUVRAGE ILLUSTRÉ DE 68 VIGNETTES ET DE 1 CARTE DU RIO CUMINÁ

PARIS

A. LAHURE, IMPRIMEUR-ÉDITEUR

9, RUE DE FLEURS, 9

1901

RIO CUMINÁ

Carte levée et établie par O. COUDREAU

1900

ÉCHELLE : $\frac{1}{100\,000}$

0 1 2 3 4 5 Km.

LÉGENDE

- Rochedo (rochers).-----+ + + +
 Pedral (étendue pierreuse).-----■ ■ ■ ■
 Praia (plage).-----■ ■ ■ ■
 Casa (habitation).-----■
 Capuera et Tapera (ancienne roça, anc. habitation).-----○
 Roça (défrichement).-----□
 Serra (colline, montagne).-----○ ○ ○ ○
 Acampamento dos Indios (campement d'Indiens).-----+ + + +
 Picada (sentier).-----—



Latitude 1°45'29" Sud
Longitude 58°29'42" O. de Paris

58°30'0.P.

entendu, je ne bois pas, puis du cachiri de tapioca que j'accepte, mais auquel je me garde bien de toucher. Aussi, les hameçons que je me vois forcée de distribuer avec profusion diminuent d'une façon inquiétante.

Pendant que je cause avec les autres Indiens, le tamouchi me vole des hameçons. Je le prends sur le fait, je lui saisis la main au moment où il la retire de la boîte : « *Tamouchi-tamo*, c'est pas bon. »

Et lui, larmoyant : « Mamaye, mamaye, j'ai besoin d'hameçons pour prendre



Piánoocotó en faction.

du poisson, tu vois, je suis vieux, je n'ai plus de dents, tiens, regarde, donne-moi des hameçons pour rien, donne-moi une ligne pour rien. »

Et je donne hameçons et ligne pour rien. Les autres arrivent, il faut les contenter tous.

« Quand reviendras-tu ? »

— Dans quatre lunes, je serai chez les Indiens de l'autre rivière, la rivière qui est là, à l'est.

— Nous irons là-bas dans quatre lunes ; tu nous apporteras beaucoup de

haches, de sabres, de couteaux, des camisas, beaucoup de perles, les femmes travaillent beaucoup, elles aiment les perles, elles font des hamacs et donnent à manger aux chiens. Nous t'apporterons des hamacs et des chiens. »

Et je m'en vais, laissant de la joie, infiniment de joie derrière moi, chez ces Indiens. Ils ont tant de couteaux, de haches, de sabres, de peignes, de miroirs, de perles, de ciseaux, de bobines de fil, de boutons, d'aiguilles, d'épingles et



Dans la Poanna. — Ubas piánocotós.

d'hameçons, que je doute fort de les trouver au Curuá. Ils n'ont donné en échange ni chiens ni hamacs, aussi ont-ils fait d'excellentes affaires avec moi. Je suis persuadée qu'ils pensent ainsi et qu'en ce moment leur conversation pourrait se résumer de la sorte : « Cette Parichichi est bête, mais nous, les Indiens, nous savons faire du commerce. »

Et ce soir, il y aura grand eachiri dans la maloca piánocotó.

Les Piánocotós sont de taille moyenne, bien proportionnés.

Leurs cheveux très noirs, gras et raides, sont rabattus du sommet tout autour

O. COUDREAU

*Extrait de l'ouvrage
1874*

VOYAGE

A LA MAPUERA

21 Avril 1901 — 24 Décembre 1901 •

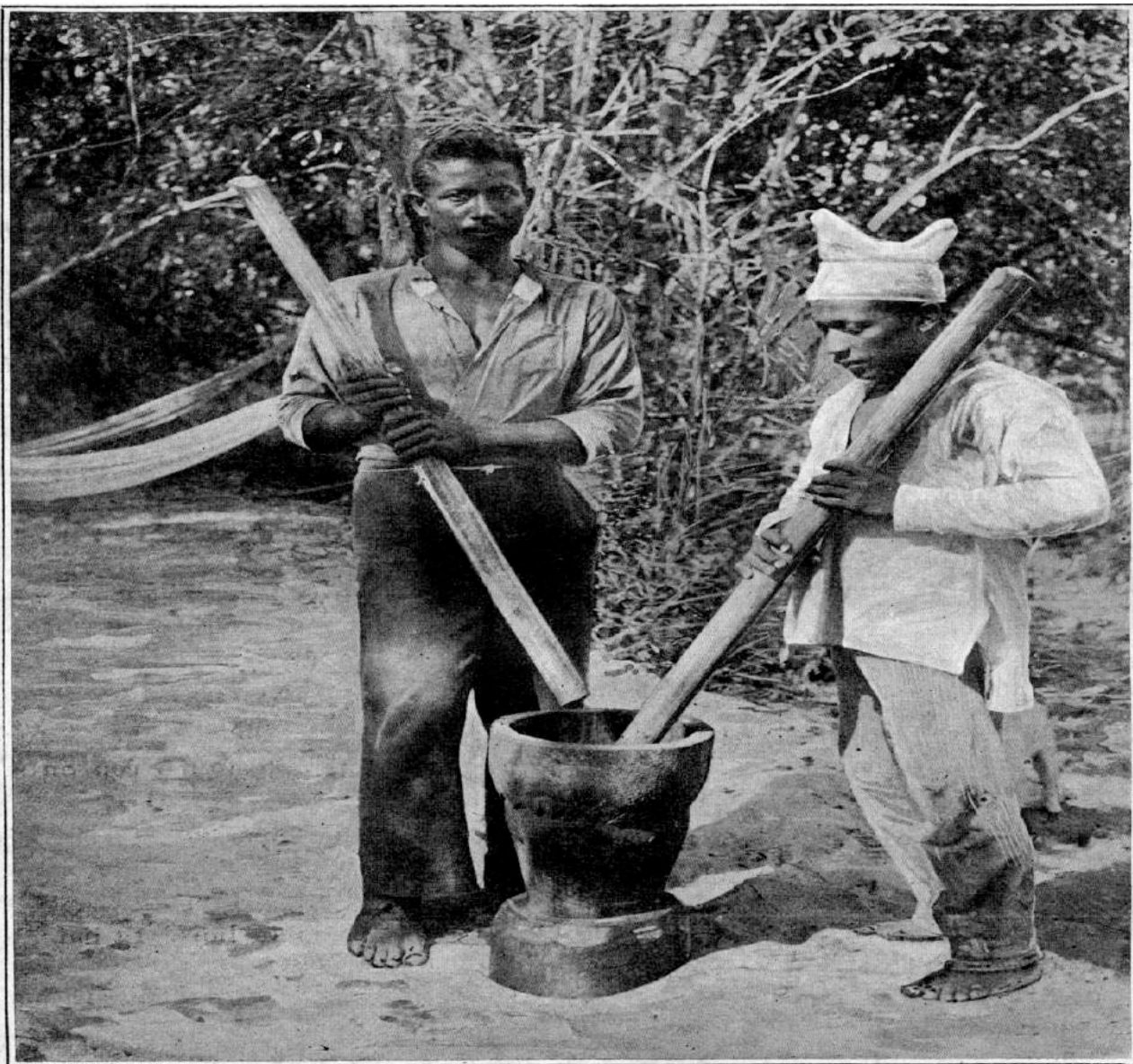
OUVRAGE ILLUSTRÉ DE 56 VIGNETTES ET DE 1 CARTE

PARIS

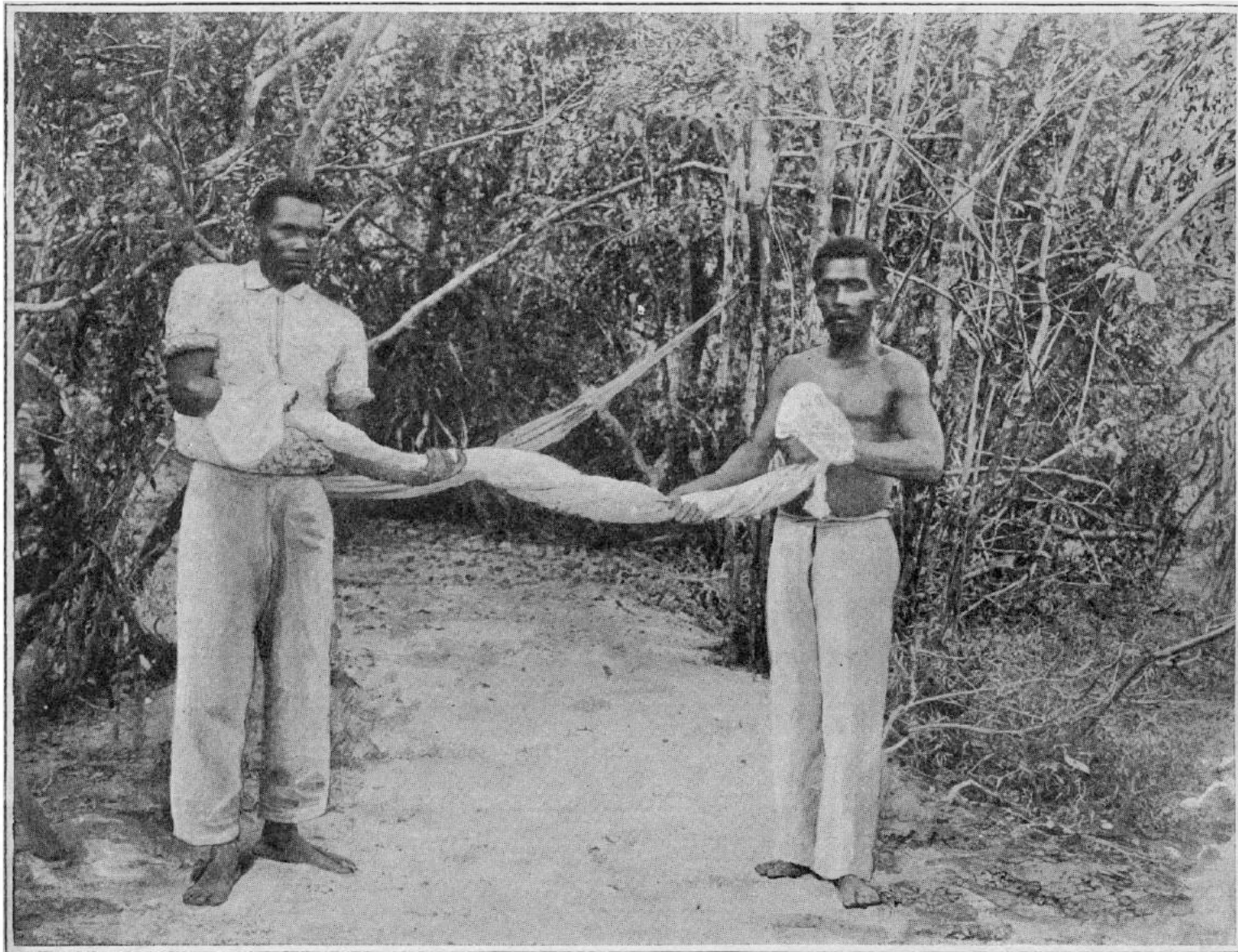
A. LAHURE, IMPRIMEUR-ÉDITEUR

9, RUE DE FLEURUS, 9

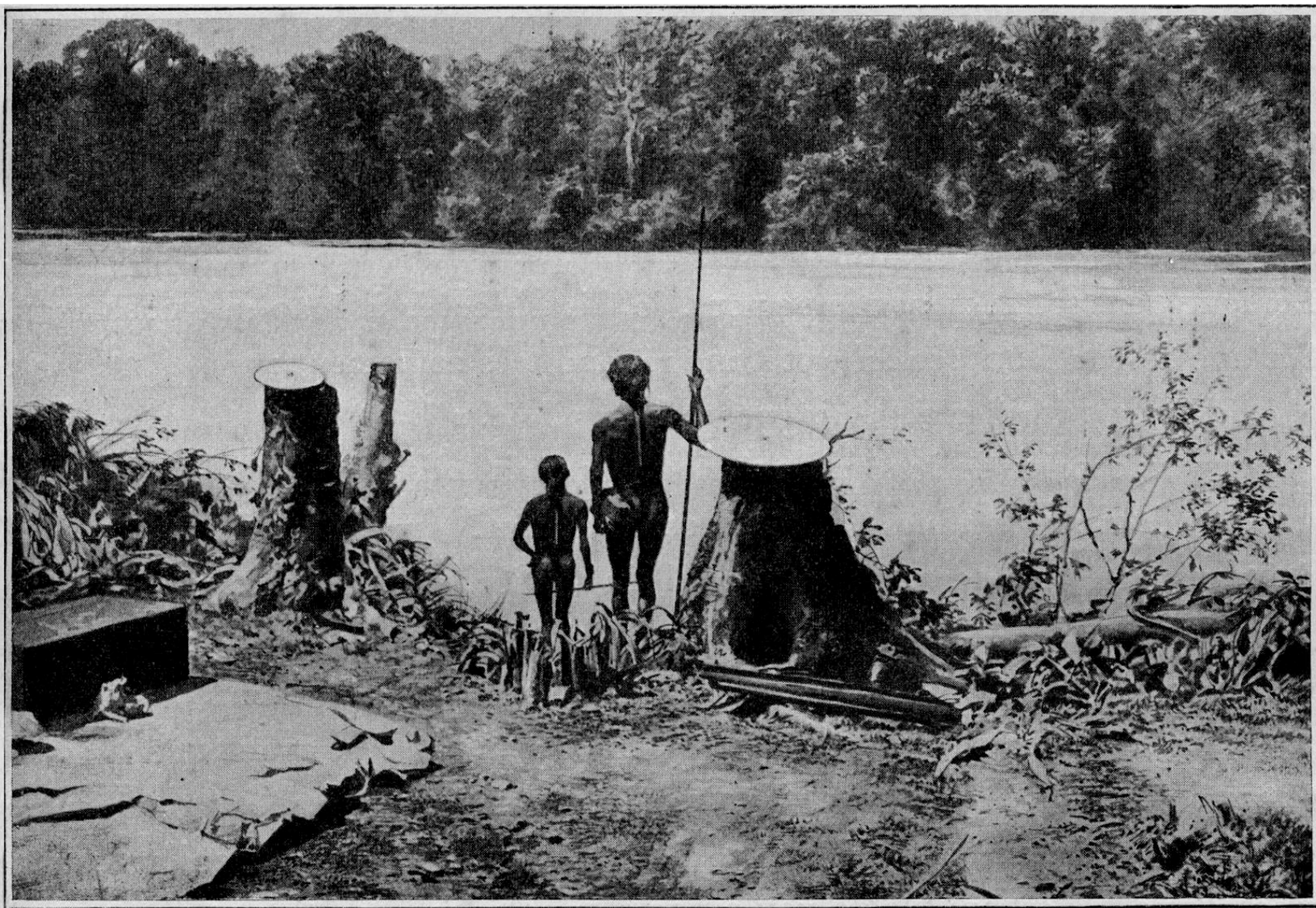
1903



Gregorio et Gualdino.



Manoël Gancho et Wincslaú.



Les deux pêcheurs.



Indies pêcheurs de la première maloca.



Indiens de l'île du Tamouchi-i.

CONSTANT TASTEVIN

Missionário francês da Congregação do Espírito Santo. Ilustra a situação de uma “etnografia missionária”. Esteve no Brasil entre 1905 e 1926. Seu trabalho sobre os Maku do Japurá foi publicado no **Journal de la Société des Americanistes** em 1923.

Outro trabalho intitulado “Les indiens Mura de la région de l’Autaz (haut Amazone)” (avec introduction par le Dr. R. Verneau) foi publicado in **Anthropologie**, XXXIII, pp.509-533. Paris, 1923. Produziu um mapa sobre suas viagens, abrangendo o Alto Amazonas entre 1908 e 1926.

Publicou também trabalhos em co-autoria com **PAUL RIVET**.

Tastevin publicou junto com **PAUL RIVET** os seguintes artigos:

“Les tribus indiennes des bassins du Púrus et des régions limitrophes”. Paris. In: La Géographie. 1821. XXXV pp. 450-482

“Les langues du Púrus et des régions limitrophes”. Anthropol. Vienne. 1919-1920 XIV-XV pp.857-890. -, 1921-1922 XVI-XVII pp. 298-828, -,1923-1924: XVIII-XIX pp. 104-113.

PAUL RIVET fundou, em 1925, junto com Marcel Mauss e Lévy-Bruhl, o Institut d'Ethnologie de l'Université de Paris, do qual foi secretário-geral. Ele participa da compilação de **Les Langues du monde**, editado por A. Meillet e M.Cohen em 1924. Em 1938 ele funda o Musée de l'Homme, reforçando sua mobilização, desde 1927, na Liga contra a “opressão colonial e o imperialismo”, e desde 1934, quando funda com Langevin o “Comité de Vigilance des intellectuels antifascistes”. Durante a II Grande Guerra ele participa clandestinamente da resistência e é obrigado a deixar a França com passaporte falso se exilando na Colômbia (1941-43) e no México. Neste período funda o Instituto Etnológico Nacional, em Bogotá, e estreita seus laços com antropólogos colombianos e brasileiros, que pesquisavam na Amazônia. Pesquisou sob uma visão pluricultural da América do Sul, enfatizando os estudos linguísticos e uma abordagem difusionista e, concomitantemente, mobilizou cientistas sociais contra as ameaças fascista e racistas. No pós-guerra foi eleito deputado pela agremiação socialista e fortaleceu estes vínculos do exílio.

PAUL LE COINTE

Le Cointe est arrivé au Brésil en 1891. En 1922 a publié à Paris, Augustin Challamel, Éditeur-Librairie Maritime et Coloniale: **L'Amazonie Brésilienne - Le pays. Ses habitants. Ses ressources. Notes et statistiques jusqu'en 1920.** (deux tomes) avec une carte.

Le Cointe a dit: “J’ai étudié plus spécialement le bassin du Bas-Amazone, mais un Voyage aux sources du Madeira et un long séjour dans les “seringais” (l’unité d’exploitation de caoutchouc) de la Basse Bolívia, au Béni, m’ont mis à même de comparer le Haut et le Bas du Fleuve et de généraliser la plupart de mes études.” (Le Cointe, 1922:9).

Paul LE COINTE

Directeur du Musée Commercial du PARA.
Lauréat de la Société de Géographie Commerciale, Prix PRA.
Lauréat de la Société de Géographie, Prix LOGEROT.

L'AMAZONIE BRÉSILIENNE

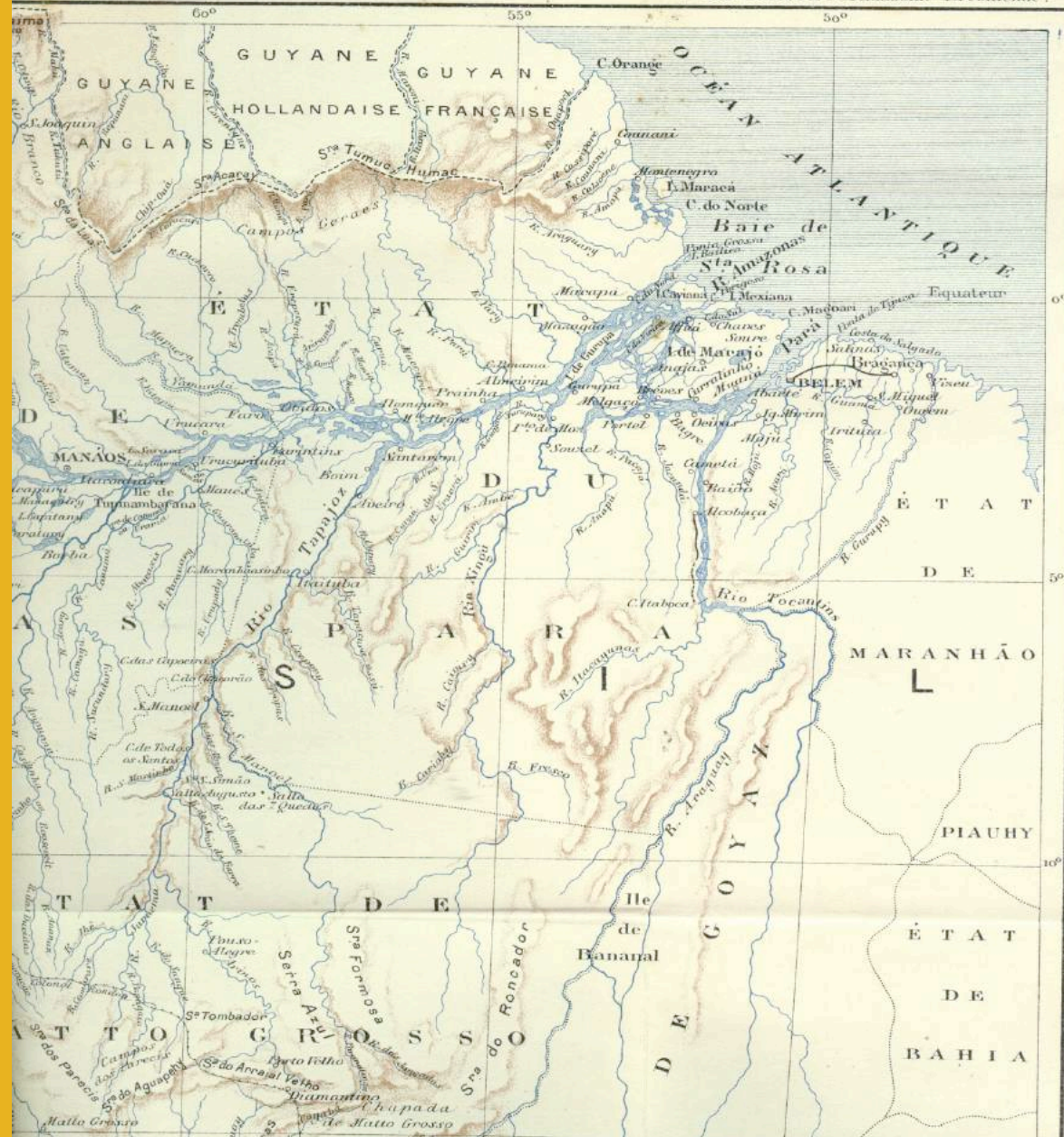
Le pays — Ses habitants
Ses ressources
Notes et statistiques jusqu'en 1920

Ouvrage illustré de 66 photographies et d'une carte en couleurs.

TOME II

PARIS
AUGUSTIN CHALLAMEL, ÉDITEUR
17, RUE JACOB
Librairie Maritime et Coloniale

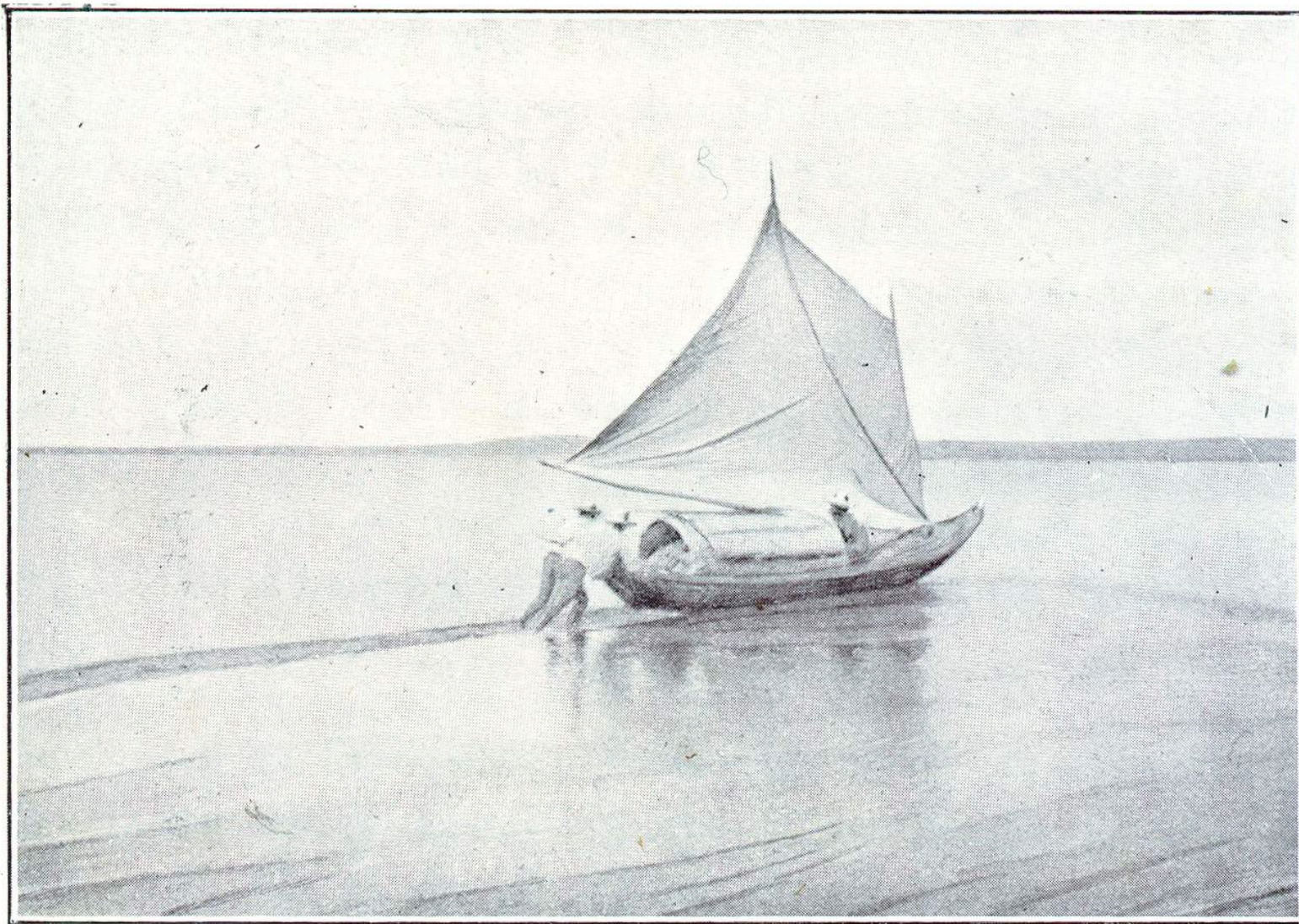
—
1922



P. Le Cointe, 1922



— Lamelles ou « arcabas » (sapupemas) de la base du tronc d'un « sumaùma »
(ceiba pentendra Gaertn. Bombacées) dans une cacaoyère.



17. — Grand lac de « Varzea » au moment des basses eaux ; le canot que l'on pousse à grand'peine laisse derrière lui un sillage permanent, formé par la boue qu'il soulève.



46. — Pendant la crue. Bétail mangeant l'herbe coupée au loin, que les « vaqueiros » viennent d'apporter dans leurs canots et de jeter à l'eau près de la « maromba » ; une palissade légère empêche le courant d'entraîner l'herbe qui flotte (*cannarapanicum* div. esp.).



45. — Le bétail dans une ferme pendant l'inondation annuelle.



RAYMOND MAUFRAIS (1926-1950)

Jovem jornalista francês que participou da Expedição Roncador-Xingu em 1946, onde conheceu os índios Xavantes. Em 1949 seguiu para explorações na denominada “Guiana Francesa”. Lá viveu na aldeia indígena Organabe. Essa expedição foi inicialmente uma sugestão do ministro francês Paul Renault. Foi criada em 1941 no processo de integração do Brasil. Foi nomeada pelo coronel Flaviano de Mattos Vanique. Os irmãos Villas-Bôas (Cláudio, Leonardo e Orlando) se habilitaram para participar, todavia não foram aceitos no primeiro momento sob a alegação de terem elevado nível de conhecimento. Posteriormente foram incluídos como pedreiros e “trabalhadores de enxada”.

Em 1945 o coronel Flaviano foi afastado e a expedição Roncador-Xingu passou a ser comandada por Orlando Villas-Bôas. Em 1949 a Expedição alcança o Alto Xingu. Foi iniciado o Projeto do Parque Nacional do Xingu que foi instituído em 1961.

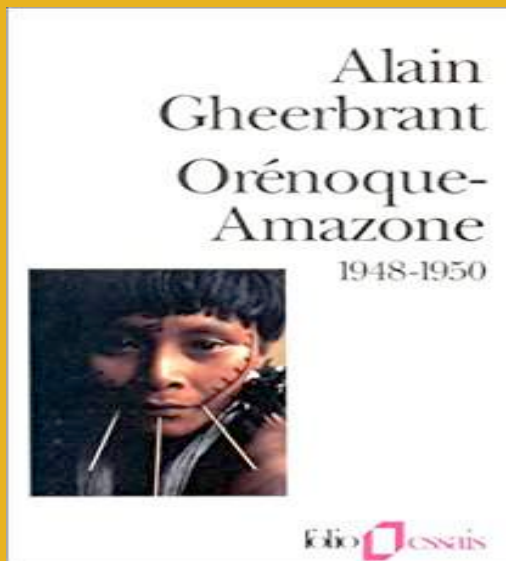
Em 1950, Maufrais desaparece na floresta Amazônica, em regiões da chamada “Guiana Francesa”. Anos depois, foram encontrados sua máquina fotográfica e o caderno de anotações.

Após seu desaparecimento, o pai Edgar Maufrais, dedicou a vida às viagens na Amazônia em busca de alguma notícia do filho.

ALAIN GEERBRANT (1920-2013)



Publicado em 1988



Classificado como “aventureiro”, “explorador” e “etnógrafo” dirigiu a *Expedition Orénoque-Amazone* entre 1948-1950. Cruzou a Serra Parima (fronteira do Brasil com a Venezuela), onde manteve contato com os Yanomami. Como resultado dessa expedição, GERBRANT publicou os livros:

- *L'Amazone um geant blessé;*
- *Orénoque-Amazone 1948-1950.*

2 – AS REPRESENTAÇÕES DOS ANTROPÓLOGOS.

Os povos e comunidades tradicionais como objeto de reflexão.

Entre 1735 et 1922 a visão dos naturalistas e viajantes sobre os povos tradicionais da Amazonia se confunde com a natureza. Índios, seringueiros, castanheiros, “mucambeiros” ou quilombolas, quebradeiras de coco babaçu, piaçabeiros, peconheiros e ribeirinhos não são separáveis dos rios e das florestas, consistem numa *paisagem (paysage)* segundo esta visão naturalista. Tudo se funde no quadro natural.

Com a intervenção de antropólogos como Roquette Pinto e Raimundo Lopes, que construíram uma autoridade científica a partir do trabalho de campo, começa um esforço de distinção, destacando-se aqueles povos que adotam formas organizativas próprias e possuem categorias ou instrumentos de pensamento intrínsecos.

Registram isto desde 1938, Charles Wagley, Lévi-Strauss, Eduardo Galvão e Castro Faria e, a partir do final dos anos 40, Darcy Ribeiro. Consolidam conhecimentos que começaram a ser classificados nas coleções de museus: desde 1818 (Museu Nacional) e 1866 (Museu Paraense E. Goeldi).

ALFRED MÉTRAUX

Em 1927 defende tese de doutorado intitulada **La culture matérielle des Tupi-Guarani**, no Institut d'Ethnologie (de Rivet, Mauss...), em Paris, e se fixa na Suécia no Museu de Gotemburgo estudando museologia junto com Erland von Nordenskjold, que “encomendava coleções” de diferentes povos indígenas a Curt Nimuendaju. Tais exposições encontram-se em exibição neste Museu. Em seguida vai para a Argentina fundar o Instituto de Etnologia da Universidade de Tucuman, que dirige até 1934. Neste período estreita relações com vários antropólogos que pesquisavam a Amazônia e publica:

– “Contribution à l'étude de l'Archéologie du cours supérieur et moyen de l'Amazone.” **Revista Museo La Plata** v.32 pp.145-185. Buenos Aires, 1929.

Em 1941 passa a participar ativamente da edição do **Handbook of South American Indians** (Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology) e mantém contatos com Curt Nimuendau, Charles Wagley e Eduardo Galvão, publicando inúmeros trabalhos sobre os Mura, Pirahá, Amanayé, Paressi, Guarani, Tupinambá e povos indígenas das cabeceiras do Rio Madeira, na região fronteira de Bolívia e Brasil. No pós-guerra trabalha no escritório de assuntos sociais da ONU e logo após torna-se membro permanente do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, pesquisando na Amazônia durante os anos de 1947 e 1948.

Consultar: - número especial do periódico **I'Homme**, vol. 4, 1963, que contém contribuições de R. Bastide, M. Leiris, C. Tardits, C. Lévi-Strauss.

- **Handbook of South American Indians**. Vol.3. The Tropical Forest Tribes. Julian H. Stewards, Editor. Washington. U.S. Government Printing Office, 1948

CLAUDE LÉVI-STRAUSS, antropólogo, chegou ao Brasil em 1935 em S.Paulo onde trabalhou na USP (Universidade de S.Paulo). Em 1938 ele realizou trabalho de campo no Mato Grosso com os índios Nambiquara. Integrou a Missão Francesa juntamente com Roger Bastide e Pierre Monbeig, dentre outros.

Em 1955 il a publié **Tristes Tropiques**. Paris, Plon.

Lévi-Strauss participou da “Expedição à Serra do Norte”, realizada em terras do Mato Grosso de junho a dezembro de 1938. O representante brasileiro nesta Expedição foi o antropólogo Luiz de Castro Faria, do Museu Nacional, que publicou, em 2001, **Um outro olhar: diário da Expedição à Serra do Norte**. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul com copiosos documentos e fotos.



C. Levi-Strauss et Dinah, 1938. Photo: Luiz de Castro Faria

Mapa com anotações de Castro Faria utilizado na definição do rumo da Expedição à Serra do Norte.





C. Levi-Strauss , 1938. Photo: Luiz de Castro Faria



C. Levi-Strauss et Cap. Júlio, 1938. Photo: Luiz de Castro Faria



C. Levi-Strauss et Cap. Júlio, 1938. Photo: Luiz de Castro Faria



Exp. Serra do Norte / Levi-Strauss. Photo: L. de Castro Faria, 1938

A RUPTURA (1940 -1955)

Os antropólogos iniciam uma leitura crítica dos esquemas interpretativos oficiosos sobre a Amazônia, que se tornaram senso-comum erudito. Nesta ordem, pode-se asseverar que a literatura dos viajantes e naturalistas, especializada em história natural, ignora as relações antrópicas. A literatura econômica, por sua vez, se concentra essencialmente no chamado «ciclo da borracha» e outros produtos extrativos, negligenciando as modalidades de uso dos recursos naturais dos povos e comunidades tradicionais e como os incorporam ao processo produtivo. Em decorrência destes critérios de classificação a Amazônia foi equivocadamente periodizada através de «ciclos», enfatizando produtos e não exatamente quem os produzia e como. O modo de vida das comunidades tradicionais tem sido classificado ora como «exótico», ora como um “estado de primitividade”, que negaria as inovações tecnológicas.

Ignora-se como ocorre a produção de farinha de mandioca, como ocorrem as práticas extrativas (de castanha, açaí, piaçaba...) e como se dá a pesca e a coleta, fatores que concorrem para a dieta alimentar regional e para fortalecer relações na esfera de circulação. Prevalece uma abordagem evolucionista, enfatizando a aculturação, que classifica os povos indígenas como «em vias de extinção», tal como exemplificado no esquema evolutivo designado como «*caboclization*».

A literatura amazônica, onde se encontram esboços dos primeiros trabalhos de ruptura, concerne a Francisco Galvão e o “romance social do Amazonas” intitulado “**Terra de Ninguém**” publicado por Andersen Editores em meados dos anos 1930. Em seguida tem-se Dalcídio Jurandir que publicou livros referidos à Ilha de Marajó e que trabalhou nos projetos de pesquisa do antropólogo Charles Wagley. Executa uma ponte entre a literatura e a antropologia. Os povos e comunidades tradicionais se encontram libertos primeiro nos livros e nos romances e somente depois nos escritos antropológicos e na vida cotidiana.

Certamente que não se pode menosprezar as interpretações positivas da “mistura” na formação do povo brasileiro, que foram sendo construídas por Couto de Magalhães (1874), José Veríssimo (1878), Tavares Bastos (1867), Ingles de Souza, Celso de Magalhães, Aloísio de Azevedo e depois Silvio Romero, Euclides da Cunha(1902) e mais tarde Gilberto Freyre (1933), cujas descrições e argumentos se opunham às teorias racialistas do **Conde J. A.Gobineau**. Este diplomata, em missão oficial no Brasil, em 1869, como ministro plenipotenciário da França na corte brasileira, autor dos quatro volumes de **Essai sur l'inegalité des races humaines**, interpretava a miscigenação como um processo que conduz à degradação intelectual e física da humanidade. De sua ótica o Brasil apresentava raças inferiores e em virtude disto não tinha futuro, estando fadado a desaparecer em dois séculos.

Esta teoria de “raça pura” articulava-se com aquela do “racismo científico”, que permeava o discurso de naturalistas e viajantes, que percorreram a Amazônia no século XIX. Uma ilustração mais completa desta argumentação racista pode ser encontrada na interpretação do zólogo e geólogo suíço, que viajou pela Amazônia em 1865/1866, J. Louis Agassiz, buscando demonstrar a inferioridade racial dos negros.

A Expedição Thayer, que Agassiz dirigiu e cujo material coletado encontra-se depositado no Peabody Museum of Archaeology and Ethnology at Harvard University (EUA), estava voltada para o registro em série dos denominados “tipos raciais” brasileiros do Rio de Janeiro e da Amazônia. Agassiz iniciou seus trabalhos na Amazonia dando sequencia aos estudos da coleção de peixes coletados por J. Spix, que pesquisou no Brasil junto com von Martius de 1817 a 1820. Ambos integravam a denominada “Missão Austríaca”. Agassiz, zóologo, defendia o “racismo científico”, uma estratégia do discurso colonialista que perpetuava a dominação “branca” das metrópoles européias, base do eurocentrismo.

No Brasil, a partir do “romance social”, considerado como produção sociológica que se contrapunha a tais teses colonialistas, tem-se, nos anos 1940-60, os trabalhos de pesquisa na Amazônia, no domínio acadêmico, dos antropólogos Charles Wagley – **Amazon Town** (1953) – e Eduardo Galvão – **Santos e Visagens** (1955-56) -, além daqueles sobre os Tapirapé e Tenetehara, e a produção do Museu Nacional Heloisa Alberto Torres e Raimundo Lopes.

Os trabalhos antropológicos procedem à crítica destes esquemas interpretativos da sociologia de viajantes e naturalistas, que se fundamentam nas ciências naturais, contribuindo para novas modalidades de apreensão deste objeto de pesquisa apoiados nas reflexões de G. Ganguilhem sobre a história das ciências.

A continuidade e a pretensão de dar conta dos esquemas explicativos de interpretação da Amazônia parece persistir oficiosamente na França. Em 1982 ocorreu a Expedição de Jacques Cousteau à Amazônia, ou seja, há 35 anos, num período em que prevaleciam trabalhos da cooperação técnico-científica franco/brasileira e em que a zoologia já não era uma disciplina prevalecente e havia perdido consideravelmente o vigor de sua força explicativa. A ênfase no quadro natural persiste.

Como instrumento analítico deste capítulo de história da ciência, caracterizado por expedições científicas, que aqui tentamos retratar, privilegiando a reflexividade à biobibliografia e ao memorialismo, recorremos a Georges Canguilhem:

«L'histoire d'une science est ainsi le résumé de la lecture d'une bibliothèque spécialisée, dépôt et conservatoire du savoir produit et exposé, depuis la tablette et le papyrus jusqu'à la bande magnétique, en passant par le parchemin et l'incunable. Bien qu'il s'agisse là, en fait, d'une bibliothèque idéale, elle est idéalement, en droit, l'intégralité d'une somme de traces. La totalité du passé y est représentée comme une sorte du plan continu donné sur lequel déplacer, selon l'intérêt du moment, le point de départ du progrès dont le terme est précisément l'objet actuel de cet intérêt. Ce qui distingue les histoires des sciences les uns des autres c'est la témérité ou la prudence dans leurs déplacements sur ce plan.» (Ganguilhem,2000:14).

AMAZÔNIA: EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS FRANCESAS (sec. XVIII – sec. XX)

Autoria: Alfredo Wagner Berno de Almeida
Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia/Projeto Centro de
Ciências e Saberes/CNPq
www.novacartografiasocial.com
pncaa.uea@gmail.com